

Artigo Original

Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas

Odila Carolina Gomes¹
Hélder Ferreira Isayama²

Departamento de Educação Física - Escola de Educação Física da UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O objetivo deste estudo foi compreender e analisar os motivos que envolvem a busca das pessoas por práticas esportivas e de lazer na natureza, e em particular as corridas de aventura. O estudo combinou dois tipos de pesquisa: a pesquisa analítica de revisão, verificando na literatura o que há de estudos em relação ao tema proposto. Realizamos, também, uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionário para um grupo de sujeitos participantes de Corridas de Aventura. Ao todo 21 sujeitos responderam ao questionário, estes possuem faixa etária entre 21 e 30 anos e a maioria possui nível superior de escolaridade. Além disso, são pertencentes a grupo social privilegiado, vivem em uma grande cidade e são detentores de um bom condicionamento físico. Os motivos mais mencionados nas respostas foram: contato com a natureza; superação de limites; trabalho em equipe; envolvimento de várias atividades em uma mesma competição; desafio, aventura.

Palavras-chave: Atividades de Lazer. Motivação. Corrida.

Adventure races and leisure: a analytical way beyond trails

Abstract: The research aim was to understand why people are looking for nature, concerning sports and leisure activities, specifically adventure races. The method was based in a combination of two types of research: first, an analytical literature review was developed, in order to verify what the literature have been suggesting about the subject here proposed; and then a field research, by asking a group of subjects to fulfill a questionnaire. All the 21 subjects (20 men, 01 woman) took part in an important regional race. Most of them were graduated and their age ranged from 21 to 30 years. Moreover, they pertain to a privileged social group, live in a great city and are detainers of a good physical conditioning. Considering their answers to the questionnaire, the most frequent reasons mentioned were: contact with the natures; no limits; working in group; many activities together in only one race; challenge and adventure.

Key Words: Leisure Activities. Motivation. Running.

Introdução

O lazer pode propiciar a manifestação de novas formas de relacionamento com o meio ambiente, por meio da vivência de jogos, esportes, desafios, entre outros elementos. As possibilidades de lazer enfatizam a necessidade e o interesse do homem urbano na busca por atividades que nos permitam o contato com a natureza, seja através de simples passeios ou por práticas esportivas organizadas formalmente. [Monteiro](#) (2003, p.54) considera ser necessário “pensar o lazer contemporâneo como uma prática social engendrada pelas transformações no mundo do trabalho, pela complexificação das sociedades e pelo advento da urbanização, entre outros fenômenos situados na história”.

[Ladislau](#) (1999) afirma que o relacionamento do homem com a natureza configura-se como uma construção cultural e as formas de práticas no âmbito do lazer são construídas de acordo com um contexto socioeconômico, que influencia diretamente na escolha do que fazer no tempo disponível.

Portanto, o contato com a natureza se apresenta como uma possibilidade de transformação das relações sociais seja na perspectiva do consumo ou da resistência crítica e criativa. Ao longo da história da humanidade, podemos perceber comportamentos diferentes do ser humano em relação à natureza, ora de aproximação, ora de afastamento. [Bahia; Sampaio](#) (2006) ilustram tais mudanças ao apresentarem as fases de relacionamento do Turismo com o Meio Ambiente. Observa-se, desde o século XVIII até os dias atuais, uma mudança drástica no comportamento da

¹ Graduada em Educação Física pela UFMG.

² Doutor em Educação Física-Estudos do Lazer pela Unicamp. Docente do Mestrado em Lazer da UFMG. Líder dos Grupos de Pesquisa em Lazer, Cultura e Educação (LACE-CELAR-UFMG) e do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL-Unimep).

humanidade perante o meio ambiente e suas peculiaridades. Da descoberta da natureza, passando por uma fase de domesticação, de excessos e de descuidos, encontramos-nos numa fase de reparação e reconciliação com a mesma, por mais tardia que seja. Após a metade da década de 80, o discurso dos “ecologicamente” corretos apóia-se nos conceitos do desenvolvimento sustentável e da preservação da natureza.

A natureza torna-se parceira indispensável e sua definição social como ambiente de experiência orientada implica em uma conservação ambiental para sua prática esportiva. E eis que se estabelece um conflito para o ser humano: as possibilidades de exploração da natureza versus a responsabilidade de conservá-la (BAHIA; SAMPAIO, 2005). Nesse sentido concordamos com Bruhns (2001), para quem o desporto necessita do meio ambiente natural, mas também o consome. Dessa maneira, visualizamos a questão da ética ambiental, “de respeito e não dominação” (BRUHNS, 2001. p. 97), capaz de envolver os adeptos do esporte de aventura, caracterizando-os não somente como praticantes de um esporte, mas como adeptos ao ecoturismo.

Em contrapartida, Marinho (2001) destaca a existência de grupos de indivíduos com diversas ocupações, de pessoas comuns, de atletas e outros tipos de interessados, que se envolvem em um jogo de sobrevivência, redefinindo a natureza como teatro, no qual os indivíduos agem fora do habitual contexto cotidiano, colocando seus limites à prova. Portanto enfatizamos que

a necessidade de reconstrução das relações do sujeito com sua própria natureza e com a totalidade; da superação das homogeneidades e modismos; da exaltação dos corpos e do dualismo; do desinteresse por tudo que for o não-eu (SILVA, 1997. p.124).

A representação da natureza, na ótica do ecoturismo, envolve um sentimento de união, de preservacionismo, de gratuidade no contato com a natureza e os indivíduos. Uma natureza enquanto espaço de experiências, “de novas sensibilidades relacionadas ao corpo” (BRUHNS, 2003. p.31). Sensações estas que também podem e devem ser vivenciadas nas atividades físicas de aventura na natureza.

Constata-se também a predileção para determinadas áreas naturais, ditas preservadas, exóticas, regiões ainda intocadas pelo homem:

são espaços com belezas exuberantes, com visuais inesquecíveis, na maioria das vezes de difícil acesso. Tal preferência normalmente é adotada por praticantes que visam uma prática em ambiente natural em caráter exploratório, com o intuito de conhecer novas regiões, onde a visita possui um fim em si mesma. Por outro lado, ao visualizar as corridas de aventura, nota-se uma mudança no olhar dos adeptos: quanto mais selvagem, mais “perigosa” for à região escolhida para a competição, independente de sua exuberância, melhor, mais excitante e envolvente será a experiência vivenciada.

Os locais selecionados para as competições podem variar desde pântanos, brejos (paisagens onde o olhar não é tão relevante), até represas, picos, chapadas, cachoeiras, rios caudalosos, onde momentos de pura beleza são vivenciados juntamente com experiências de aventura. Nas corridas de aventura, o importante é a variedade de sensações proporcionada pelos sentidos que são aguçados durante o percurso. Por isso, Marinho (2003) afirma que “nas atividades de aventura em geral, os envolvidos parecem passar por uma maximização não apenas de um, mas de todos os sentidos” (p. 24).

O aumento do número de visitantes ou de adeptos às atividades na natureza ocorre em função de um conjunto complexo de novas condições. Além da organização do setor formal do chamado ecoturismo, a melhoria das condições de acesso, a crescente disponibilidade e a qualidade de equipamentos, constata-se também uma divulgação maciça dessas novas práticas pelos meios de comunicação. Verifica-se a existência de um processo “facilitador” permeado por uma visão mercantilista que visa à aquisição de um estilo de vida, de novos signos e imagens, de produtos e mercadorias que denotam um saber diferenciado, ou seja, a aquisição de uma identidade que não seja excessivamente massificada.

As atividades na natureza são criações recentes, como afirmam Almeida; Gutierrez (2005), mas já existem numerosas modalidades e novas são criadas a todo o momento. Essas ações onde a natureza é utilizada como denominador comum, respondem a opções atreladas a vários fatores, como a aquisição de imagens através da compra de um sistema de signos (estilos de vida envolvendo aventura, desafio, risco, natureza). Um discurso ecológico

vem legitimar sua prática, mesmo esta não estando comprometida com nenhum vínculo educativo.

As atividades na natureza de cunho competitivo e performático, como as corridas de aventura, normalmente produzem uma definição da natureza bastante reduzida, um mero cenário. Podem ser considerados exemplos de um lazer relacionado ao consumo, da aquisição de objetos a ações e produções simbólicas. Assim verifica-se

uma racionalização e uma burocratização, por meio das competições acirradas nessas corridas. Essas conquistam espaços a cada dia, demarcando um ambiente, por um lado, imprevisível e hostil e, por outro, disciplinador e controlador. O lazer, nesse caso, tende a se converter em trabalho, em obrigação: "vamos produzir diversão, vertigem, adrenalina a qualquer custo". (MARINHO, 2006, p.6):

[Betrán](#) (2003) analisa esse processo como uma esportivização das atividades na natureza na competição, na observação rigorosa das regras do jogo e na institucionalização, ainda que sem chegar ao nível de desenvolvimento próprio do sistema esportivo. Justificamos, assim, o termo atividades na natureza, e não esportes na natureza, com o intuito de enfatizar outros elementos intrínsecos às vivências corporais em ambientes naturais.

O cenário aponta uma diversidade complexa de situações híbridas e contradições. Há neles uma preferência por ações mantendo certa independência (embora com a presença grupal), com práticas pouco reguladas. [Costa](#) e Tubino (1999, p.99) afirmam que tais esportes são originários de uma cultura híbrida: transitam tanto nos domínios do retorno à natureza como na evolução da tecnologia. E destacam:

Essas práticas esportivas *outdoor*, realizadas à margem das instituições, junto à natureza, florestas, rios, mares e montanhas, são marcadas por desenvolver um cuidado com o corpo, quando se sabe que o condicionamento físico e uma dietética são exigências fundamentais para a atividade, com a manutenção da aparência jovem, higiênica e da expressão de saúde e bem-estar.

É nesse momento que recorreremos a [Cantorani](#) e Oliveira (2005) para intensificar nosso debate a respeito das contradições presentes neste tipo de atividades na natureza. A busca por atividades de alto risco, em ambientes hostis, estranhos e que a incerteza está presente, são por pessoas que normalmente são acostumadas ao conforto, à

tecnologia e à segurança. Ao mesmo tempo em que pagam caro por estruturas complexas de segurança (câmeras, seguranças armadas, sistemas de cercas elétricas, entre outros) em suas residências nos centros urbanos, minimizando o risco e escondendo-se atrás de muros altos e grades, expõem-se a essas atividades. São características inerentes a uma sociedade que se fundamenta justamente no estilo de vida cerceado por fortes emoções, regrado, sistematizado, cronometrado e amplamente envolto por formas de controle.

Daí a necessidade de perder literalmente o controle da situação, de "jogar-se" simplesmente, de deixar fluir: o chamado *flow-feeling*, mencionado por [Miranda](#) (2002), em seu estudo sobre motivação e *trekking*. A busca, tanto na rotina diária como nas práticas de lazer, é puramente por agitação e isso é uma realidade, também, nas corridas de aventura. [Betrán](#) (2003) relata que as denominadas *raids* de aventura, buscam algumas práticas que propiciam fortes sensações, baseada na competição por equipes, na superação dos obstáculos naturais com apoio da alta tecnologia. Consistem em provas longas e difíceis, cujo percurso passa por paisagens acidentadas e desconhecidas, exigindo dos integrantes das equipes um esforço físico e psíquico que os levam ao limite. As experiências associadas à "sobrevivência" contribuem para um sucesso paradoxal no contexto das atuais sociedades de conforto

Segundo [Betrán](#) (2003) existem diferentes tipos de corridas de aventura, porém possuem aspectos em comum, tais como: são realizadas na natureza (terra, água e ar); são provas multidisciplinares; realizadas por equipes compostas de dois a seis participantes (em sua maioria, exige-se um participante do sexo oposto); todos os participantes devem ter experiência e domínio das atividades a serem realizadas, bem como as técnicas específicas e os equipamentos obrigatórios; as provas podem durar algumas horas ou vários dias; antes de iniciar as corridas, os participantes recebem os mapas da competição e um livro de rota com toda a informação necessária para o seu desenvolvimento; as resistências orgânica e psicológica são as qualidades psicofísicas mais determinantes para superar as situações-limite; as provas costumam ser realizadas sob condições climáticas e ambientais muito duras;

exige-se dos participantes um grande respeito ao meio natural; cada equipe da competição deve ter uma equipe de assistência, a equipe de apoio, composto por um a quatro membros.

As disciplinas mais comuns são: orientação, *trekking*, *mountain bike*, canoagem e técnicas verticais. Outras disciplinas já foram incluídas nas corridas como os patins *in-line*, pára-quedismo, vela, corrida em camelos, costeira e cavalgada. Existem diferentes formatos e durações de eventos, indo dos *triatlons off-road* até expedições de 15 dias. O percurso leva os competidores através de locais remotos e selvagens onde devem ser auto-suficientes.

Tendo como referência os aspectos discutidos até o momento, nessa pesquisa objetivamos compreender os motivos que envolvem a busca das pessoas por práticas esportivas e de lazer na natureza, e em particular as corridas de aventura.

Metodologia

Para a realização desse estudo foi combinada a pesquisa bibliográfica com a de campo. No que se refere ao primeiro tipo, foi realizada uma revisão de literatura com as palavras-chave: Lazer, Atividades na Natureza e Corridas de Aventura no Sistema de Bibliotecas da UFMG.

A pesquisa de campo foi realizada com base nos dados das respostas de questionários aplicados em participantes de corridas de aventura, especificamente das provas realizadas pelo Circuito Estrada Real de Corridas de Aventura. O objetivo do questionário foi explorar o campo de vivências de práticas de lazer na natureza para ilustrar os debates instituídos na literatura acerca do tema. Os indivíduos da amostra foram selecionados aleatoriamente e incluídos aqueles que se propuseram a participar da pesquisa.

Inicialmente foi feito um contato telefônico para apresentar a proposta do estudo e a viabilidade em enviar o questionário para o endereço eletrônico de cada participante. Foram enviados 29 questionários, e obtivemos resposta de 21 indivíduos, representando 72% do total, ou seja, número significativo de retornos para uma pesquisa que trabalha com um público voluntário. Além disso, foi solicitado que nos enviassem uma mensagem reafirmando o seu consentimento para participar da pesquisa (termo de

consentimento livre e esclarecido) de maneira voluntária.

Normalmente, os participantes de corridas de aventura possuem certas qualidades, como ser solidário ao próximo, estar pronto a ajudar, ser companheiro, ser interessado por assuntos que norteiam o tema corridas de aventura, dentre outras. E pudemos constatar essas características durante a aplicação e análise dos questionários, pois não só responderam como também se preocuparam com o andamento do estudo.

Os dados coletados foram analisados quantitativa e qualitativamente por meio da técnica de análise de conteúdo (TRIVIÑOS, 1987).

Resultados e Discussão

A primeira parte do questionário apresentou os seguintes tópicos: idade, sexo, profissão e grau de escolaridade. Dos 21 sujeitos, 14 responderam todos os tópicos, e sete não mencionaram um deles, especificamente a profissão. Ao analisar o perfil dos sujeitos, pode-se verificar uma faixa etária entre 21 e 30 anos. A maioria é composta por homens (apenas uma mulher participou da pesquisa), com profissões variadas (analistas de sistemas, engenheiro mecânico, estudantes universitários, engenheiro ambiental, advogado, *personal trainer*, despachantes de vôos, professores de Educação Física, autônomos). Dos 21, 17 possuem nível superior, dentre os quais sete são pós-graduados. Com esses dados, pode-se configurar esse grupo estudado com certas características socioculturais, que os leva ao acesso a informações diversas, detentores de no mínimo o ensino médio completo. É um grupo que disponibiliza tempo pra vivenciar práticas de lazer, principalmente as corridas de aventura ou relacionadas a ela.

Quando se observa o público adepto dessas práticas na natureza, [Bruhns](#) (2003) constata uma grande mesclagem, seja em relação ao sexo ou à idade, diferente dos esportes tradicionais que envolvem públicos constituídos somente por mulheres ou homens, crianças ou jovens. Ao proporcionar interações entre sexos, e entre indivíduos com idades diversas, a corrida de aventura torna-se uma nova forma de desportivizar uma atividade física em grupo, adaptando-se às diferenças dos participantes, e

fazendo dessas uma base sólida para vincular ao desporto novos conceitos. A autora revela, portanto:

a possibilidade de uma troca interessante de experiências nas aventuras imaginadas, em que são desenvolvidos comportamentos adaptativos necessários para que o grupo mantenha-se unido, como aguardar pelos mais vagarosos, não acelerando a marcha (p.46).

Ao analisar o fator idade da amostra, recorremos a [Betrán](#) (2003), que menciona esse tipo de atividade, na qual aparecem com muita frequência às palavras aventura, natureza, diversão, como um setor de sucesso para o público jovem, entre 15 e 35 anos, constituindo a maioria dos praticantes. [Marinho](#) (2006) afirma que a procura por tais atividades tem crescido tanto que vem quebrando as barreiras de idade, classe social, língua, raça e, até mesmo, dos limites físicos.

Neste estudo, verificamos nos sujeitos um histórico de práticas de atividades físicas, qualificando-os com certo nível de condicionamento físico, normalmente exigido em competições que enfatizam limite físicos e psicológicos, bem como a técnica adquirida em determinadas modalidades. Independente do sexo e idade, estas qualidades físicas e psicológicas são exigidas, pois uma mulher ou um adolescente que esteja despreparado fisicamente, ou mesmo possua um perfil psicológico inadequado, possivelmente, não serão incluídos nesse grupo. Portanto, apesar da minimização de barreiras mencionadas pelos autores, há outros tipos de barreiras impostas nessas práticas, que delimitam o público envolvido. Neste ponto, discordamos de [Betrán](#) (2003) ao afirmar que estas atividades estão ao alcance de todos.

As profissões mencionadas pelos sujeitos associam-se, em sua maioria, ao desenvolvimento de atividades cotidianas realizadas nos centros urbanos. São pessoas com hábitos e costumes diferentes das localidades visitadas. Portanto, como analisa [Bruhns](#) (2003, p.39),

são urbanos visitando a natureza através de viagens, porém a vida deles é na cidade. Torna-se comum ouvir desses aventureiros como é bom usufruir o ambiente natural, apreciar, mas não viver nas pequenas localidades situadas acerca da mata, da montanha, pois a cidade os atrai também com sua agitação e ofertas.

O perfil dos sujeitos dessa pesquisa vai ao encontro do que [Pimentel](#) (2006) afirma fazer parte de um dos grupos de indivíduos interessados em atividades na natureza, com caráter aventureiro e competitivo. São segmentos de universitários, profissionais liberais ou com experiências paramilitares relacionadas à sobrevivência na selva, em geral entre 20 e 35 anos. Ao analisar o perfil de participantes, [Marinho](#) (2001) reflete acerca das corridas de aventura e afirma que tais atividades parecem, de certo modo, uma prática elitista, voltando-se, muitas vezes, para uma clientela selecionada, tendo em vista que um número significativo de participantes são médicos, engenheiros, empresários. Esses sujeitos podem se dedicar aos treinamentos exigidos e têm condições financeiras para arcarem com as inscrições e com os equipamentos especializados. São usuários mais exigentes, pois necessitam de competições mais elaboradas, com percursos complexos e maiores cobranças técnicas e físicas, que buscam algumas práticas de elite em lugares que propiciam fortes emoções.

O que visualizamos é a necessidade de continua superação de limites, com provas cada vez mais árduas, onde não haja mais limites, pois estes já foram superados em provas anteriores. Constituem-se práticas elitistas, não só pelo alto dispêndio financeiro total (dinheiro para inscrições, alimentação especial, deslocamento, roupas e calçados específicos, treinamento físico, entre outros) como também pela alta capacidade física exigida. Para indivíduos que almejam competir, configura-se praticamente em uma dedicação quase que exclusiva. No entanto, os sujeitos que participam de provas estaduais, organizadas normalmente por sociedades civis, como é o caso do Circuito Estrada Real de Corridas de Aventura, que envolvem menores distâncias a serem percorridas, são atletas amadores, praticantes de um desporto diferente e até iniciantes, visam à prática em si e a possível aquisição de novas experiências.

Verifica-se, portanto que as competições de corridas de aventura, classificadas em ordem de relevância no ranking internacional, nacional e regional (cito, respectivamente, no cenário nacional, *EMA, Brasil Wild, Circuito Estrada Real*), têm, nessa ordem, perfis diferentes de adeptos, bem como seus objetivos com a prática. Ao visualizar tais distinções, a organização do

Brasil Wild, configurou uma competição menor, definida como *Short Brasil Wild*, atraindo um público iniciante, ou seja, praticantes que têm a oportunidade de vivenciar provas menos exigentes, porém com o mesmo toque de emoção. São provas com menor nível de exigência, pois tem percursos menores e orientação mais fácil. Abre-se espaço para a adesão de novos adeptos, dando oportunidade aos iniciantes e desmistificando as corridas de aventura como práticas inatingíveis para a maioria da população.

Tratando-se da participação feminina em corridas de aventura, [Ferreira](#) (2003) constata que a participação feminina tem fortes representações das imagens construídas a partir dessas práticas esportivas. Atualmente pode-se dizer que há uma “feminilização” no cenário esportivo. Segundo o depoimento de alguns atletas de corridas de aventura do sexo masculino, as mulheres representam o equilíbrio das equipes, onde o fator organizacional ocorre com muito mais facilidade, pois a “sensibilidade feminina” está muito propensa a resolver conflitos pacientemente, sem o uso da força.

Porém, como analisa [Humberstone](#) (2006, p.84), “é necessário entender como os corpos feminino e masculino são constituídos na natureza, a fim de reconhecer as maneiras pelas quais os homens e mulheres se envolvem em esportes baseados nesses ambientes”. Das mensagens enviadas, duas mulheres estavam no grupo e de apenas uma obtivemos retorno. O que foi possível perceber é que não basta apenas reivindicar um espaço, é preciso definir a posição adotada, o papel e a importância na equipe, delimitando papéis, limites. Com isso, podendo ter voz ativa e contribuindo para o crescimento do grupo, colaborando com novos olhares e iniciativas que as mulheres são capazes de proporcionar.

Independente das diferenças citadas acima, os participantes de corridas de aventura apresentam um perfil psicológico diferenciado, com personalidades fortes. Qualidades como persistência, autocontrole, superação de limites, alta tolerância à dor, cooperativismo, trabalho em equipe, companheirismo e solidariedade são comuns em corredores de aventura. Estabelece-se entre integrantes de uma mesma equipe, e mesmo entre outras equipes, numa mesma competição, uma ética relacional, um respeito

consigo, com os outros e com a natureza. São condutas adotadas que vão de encontro a uma sociedade extremamente individualista; conceitos trazidos para o cotidiano desses indivíduos, colaborando para uma sociedade mais solidária. É o que evidenciamos em uma fala de participante da pesquisa:

Acredito que a corrida de aventura se assemelha muito com a vida, as coisas que acontecem durante a prova refletem nosso dia-a-dia. Por isso que apesar de tantas dificuldades e sofrimento, o esporte vem somando cada vez mais adeptos (sujeito 01).

[Jesus](#) (2003) afirma que a prática de corridas de aventura apresenta acesso socialmente restrito no Brasil. Depende de investimento econômico (gastos com equipamentos, cursos, viagens, alimentação), “capital físico” (condicionamento normalmente adquirido em academias) e mesmo “capital social” (inserção nas redes que possibilitam aquisição das informações, como sites e revistas especializadas). Normalmente são indivíduos representantes das classes média ou privilegiada que dispõem de meios, de tempo e sofrem por empregar sua capacidade num registro profissional limitado ([LE BETRON](#), 2006). As pessoas são fruto do viver em uma sociedade vertiginosa, altamente rotineira, sedentária e de poucas oportunidades para atividades de relativa destreza física e de forte excitação emocional, são em essência, o próprio porquê da procura por atividades deste tipo, como analisa [Cantorani](#) e Oliveira (2005). Fato constatado na análise de dados coletados neste estudo.

A segunda parte do questionário compreende duas perguntas abertas, acerca da história das atividades na natureza na vida de cada um dos participantes, e os motivos que os levaram a praticar corridas de aventura.

A primeira pergunta (Como você entrou em contato com os esportes de aventura? Conte sua história.) abriu espaço para relembrar experiências passadas, com sentimentos de saudades e boas lembranças da infância e adolescência. Alguns, os mais experientes, contaram sua história em detalhes, outros, normalmente os mais jovens, foram mais sucintos e objetivos nas respostas. Ilustramos com a resposta do sujeito 03:

Desde criança tive bastante contato com a natureza, pois morei grande parte de minha vida em Brumadinho. Assim, atividades ao ar livre eram cotidianas, principalmente no sítio da

família. Caminhadas, natação (piscina e lagoa...), vôlei, peteca, caiaque, bicicleta, etc. Comecei a praticar *bicicross* (em pistas feitas por nós mesmos) aos 7 anos, mas já ensaiava algumas pedaladas aos 4 e, de lá para cá, nunca mais parei de pedalar. O *mountain bike* é uma paixão, um vício, e todo fim-de-semana tenho encontro marcado com a "turma". Não existem regras ou treinos específicos, pedalamos apenas por diversão. O trajeto é definido "na hora" e sempre há uma competição saudável entre os integrantes. De vez em quando saímos para praticar algum tipo de atividade vertical (escalada, rapel, etc) e *trekking* em terrenos montanhosos, como travessias de serras e picos. Outra atividade que faço bastante são as caminhadas em lugares onde posso ter contato com a natureza.

Observamos que alguns sujeitos possuíam um histórico de atividades físicas ou alguma prática de esportes, como *triathlon*, *mountain bike*, *trekking*. Nove dos sujeitos mencionaram que o contato com os esportes de aventura foi realizado por intermédio de um amigo ou parente, na forma de convites para alguma atividade ou mesmo uma corrida de aventura. Dois dos indivíduos já fizeram parte do Exército, onde puderam envolver-se com vivências de atividades físicas na natureza e outros dois relataram os programas de televisão como veículo de informação acerca desses esportes. Citamos um exemplo relacionado à discussão acima:

Desde os 11 anos já praticava o *mountain bike* no interior de MG. Participei de várias provas dessa modalidade e cada vez mais fui me apaixonando pelo esporte. Por influência de um tio meu que também praticava o *mountain bike* eu participei da primeira corrida de aventura (aos 17 anos). Desde então fiquei viciado nesse esporte e me dedico mais a ele do que ao *mountain bike* (sujeito 09).

Ao analisar as respostas dos questionários e compará-las com os estudos de [Pimentel](#) (2006), no caso de militares, bombeiros, atletas e professores de Educação Física, a participação em corridas de aventura poderia corresponder a experimentar desafios superiores aos enfrentados no cotidiano, visando aumentar o limiar de tolerância ao esforço físico nas vicissitudes de seu campo de atuação permanente. Já entre os demais profissionais, conforme acusam os dados do estudo de [Pimentel](#), a compensação de aspectos indesejáveis do cotidiano, causadores de baixos níveis de qualidade de vida, são constatados como motivos para a prática dessas atividades. Citamos [Le Betron](#) (2006, p.101) para ilustrar a análise:

Com efeito, os adeptos dessas atividades físicas e esportivas insistem sobre a falta de estímulos que pesa sobre as exigências super-protegidas pelos regulamentos sociais e pelo conforto técnico de nossas sociedades. A rotina, ou melhor, a segurança que envolve a existência, suscita, por vezes, o tédio.

O sujeito 06 colabora com a discussão, ao concordar com as afirmações de [Pimentel](#) (2006), em relação aos supostos motivos vinculados a essas práticas:

Foi na época que servi Exército, os grandes acampamentos (manobras de 1 ou 2 semanas), onde ficávamos perseguindo o "inimigo" por longos Km, utilizando mapas e vários equipamentos. Antes de se ouvir falar em corrida de aventura, já fazíamos nas simulações de combate e com muitas modalidades (tiro, granada, corrida, orientação, tática de combate, lutas, emboscadas, guerrilhas).

A segunda pergunta tratava, mais especificamente, dos motivos que levam esses indivíduos a buscar experiências nas corridas de aventura. Iniciamos a análise com uma das respostas obtidas de um dos sujeitos:

Essa é uma pergunta difícil, pois não tem uma resposta concreta. Passar vinte e quatro horas correndo, andando de bike, remando, passando frio, fome e com o corpo todo doendo, para muitas pessoas é coisa de doido, mas para o aventureiro é a vontade de superar os limites do corpo e mente, conectados com a natureza e sentir sua energia fluindo através do seu corpo. Para o aventureiro vencer o psicológico é essencial, pois se o mesmo estiver abalado você nunca conseguirá terminar uma corrida (sujeito 03).

Interpretamos as corridas de aventura como experiências de vida contraditórias, ou seja, para sentir realmente a sensação de estar vivo é necessário chegar à quase possibilidade de perda dessa mesma vida, pois ela é colocada em risco a todo instante. É necessário provocar altos estímulos de envolvimento para que o retorno seja satisfatório e compensatório.

De acordo com esse estudo, as pessoas são intrinsecamente motivadas a valorizar as férias e outras formas de lazer pelas razões mais diversas, incluindo relaxamento, prestígio, sociabilização, aperfeiçoamento, desejo de fazer algo diferente, entusiasmo, aventura, contato com as diferentes culturas, maneiras de viver, oportunidade de conhecer pessoas com interesses afins e enriquecimento intelectual. Os principais motivos citados nas respostas aos questionários foram os seguintes: contato com a natureza (9); superação de limites (10); trabalho em equipe (8); envolvimento de várias atividades

em uma mesma competição (10); desafio, aventura (9); conhecer lugares novos e belezas naturais (4); aprendizado para a vida (3), dentre outros.

Ao confrontar resultados com pesquisas anteriores, notamos que o discurso em relação aos motivos ligados a uma atividade anti-estressante, e mesmo à manutenção de um preparo físico, vinculando assim a questão da saúde, foram diferentes, ao relatar sua frequência nas respostas. Dos entrevistados, apenas dois referiram-se a esses motivos, constatando uma mudança de interesses vinculados a essas práticas, neste grupo estudado.

Os motivos em evidência desses sujeitos referem-se à superação de limites e o trabalho em equipes, bem como desafio e risco, qualidades normalmente solicitadas em ambientes corporativos, nos mercados de trabalho altamente competitivos e que colocam os sujeitos menos capacitados fora de atuação. Constata-se que, simultaneamente à transposição de qualidades como solidariedade e companheirismo na vida social desses sujeitos, há também a necessidade de aproveitamento desses momentos ditos de lazer para o aperfeiçoamento pessoal vinculado ao tempo de trabalho, mesmo que inconscientemente. O que pode denotar um caráter funcionalista dessas vivências conforme citado anteriormente.

Nota-se um aproveitamento do tempo reservado para as práticas do lazer, ou seja, ao mesmo tempo em que me divirto, pratico atividades físicas, relaxo, afasto-me da rotina dos centros urbanos, mas também aproveito esse tempo para “trabalhar”, ao aprimorar certas qualidades que estão inseridas no contexto da obrigação, da competitividade, do ser completo em todos os sentidos, do ser sempre o melhor. Portanto, os motivos podem abranger uma diversidade de possibilidades que vão desde um aproveitamento dessas vivências em uma vertente compensatória até uma apropriação como algo fundamental para o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

Sinteticamente, referindo-se a [Pimentel](#) (2006, p.69), podem ser citados os seguintes motivos para a busca pelas atividades de aventura na natureza:

interação mais próxima com a natureza, com o self e com o outro; consumo cultural da natureza; fluxo (momentos marcantes da

existência); educação ambiental; mudança de rotina; vertigem; minimização dos efeitos nocivos do modo de vida urbano (estresse, sedentarismo, violência, poluição), subentendendo a melhoria da qualidade de vida.

Portanto, para esse grupo específico, os motivos coletados, destoam, parcialmente, de estudos, se focarmos os mais citados, como envolvimento de várias atividades em uma mesma competição e o trabalho realizado em equipes, ou seja, aliando a importância do outro para a realização das atividades na natureza. Não obstante, deve-se considerar que o tempo de experiência nessas práticas pode ser um fator imprescindível na delimitação da amostra (o que não foi realizada nesse estudo), pois motivos como fuga dos grandes centros ou melhoria da qualidade de vida, são observados normalmente em grupos iniciantes, que tem pouca ou nenhuma vivência.

Referimos-nos novamente à ênfase em determinados motivos em detrimento dos fins que as atividades vinculadas ao tempo do lazer se propõem. As características relacionadas ao cooperativismo, ao trabalho em equipe, é uma realidade presente tanto neste tipo de atividades, como no cotidiano da maioria das empresas. Saber trabalhar e conviver em grupo requer treinamento, tempo e dedicação, assim como o próprio treinamento físico.

Os motivos relatados pelos sujeitos desse estudo apresentam um leque de possibilidades que desenvolvem várias qualidades físicas e psicológicas, contribuindo para a delimitação de perfis de praticantes nesse campo de atuação, e num provável campo específico de trabalho paralelo. Esse aspecto demonstra o que os autores do lazer pontuam quando afirma que há uma relação dialética entre lazer e trabalho, onde vários pertencentes a uma das esferas influenciam diretamente a outra vice-versa ([MARCELLINO](#), 1990; [GOMES](#), 2004).

Nota-se, após a realização da pesquisa, que os motivos vinculados à prática de corridas de aventura estão longe de uma visão de lazer com um fim em si mesmo, que tem como ênfase o “simples” fazer das vivências, um tempo que seria reservado para o indivíduo desconectar-se de sua vida atribulada. Nesse caso, o fator competitividade pode ser um dos possíveis motivos relacionados à mudança de foco dos praticantes de atividades físicas vivenciadas no

tempo de lazer. Nos iniciantes, verificamos a satisfação em completar uma prova, em simplesmente chegar e completar todo o percurso, independente da colocação. Nos mais experientes, no entanto, o caráter competitivo torna-se mais importante, minimizando o efeito dos demais motivos, como contato com a natureza. Ilustramos com uma das respostas obtidas:

Acontece que a corrida de aventura foi perdendo seu sentido ao longo desses anos, pelo menos para mim, pois a competitividade a qualquer custo foi fazendo com que a corrida de aventura perdesse seu maior valor, que é o contato com a natureza, trabalho em equipe, união e superação de limites (sujeito 02).

Foi possível observar que a busca por vivências de lazer na natureza caracteriza-se por envolver uma sociedade afastada do contato com o meio ambiente natural, constituída por indivíduos urbanos e que sentem falta de um espaço para explorar sensações diferentes das do cotidiano. Na fuga da rotina do dia-a-dia, buscam-se experiências que trazem contatos inusitados com o risco, a novidade, com a agitação fora dos centros urbanos, com o desafio e a aventura. Configura-se em buscas por excitação, tanto no trabalho, na vida cotidiana, quanto nos momentos de lazer. Daí a ampla disseminação das atividades na natureza, com caráter competitivo e aventureiro como as corridas de aventura, as quais agrupam, em uma mesma situação, várias atividades em uma só.

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi compreender e analisar os motivos que envolvem a busca das pessoas por práticas esportivas e de lazer na natureza, e em particular as corridas de aventura. Foram mencionados diferentes motivos que levam a busca por corridas de aventura: a possibilidade do contato com a natureza; o agrupamento de várias modalidades em uma mesma competição; a superação de limites; o trabalho em equipe; o fato de poder conhecer novos lugares, com belezas exóticas; aventura, desafio e adrenalina. Motivos vinculados ao objetivo do lazer e seus vivências não foram mencionados diretamente, pois a palavra lazer não foi citada em momento algum. Outros, ligados à saúde e à melhoria da qualidade de vida, como manutenção de um condicionamento físico ou cuidados com a saúde foram citados pouquíssimas vezes. No entanto, nos motivos

citados destacamos sua relação direta com o lazer, as práticas de saúde e a idéia da melhoria da qualidade de vida.

Concordamos com [Marinho](#) e Bruhns (2006), quando visualizam a procura pela natureza com objetivos de lazer e práticas de atividades um fenômeno bastante atual e ainda pouco explorado. Compreendemos que este movimento atual necessita de abordagens de diferentes dimensões para que seus significados sejam avaliados. Uma leitura que abrace colaborações de vários campos, como turismo, geografia, educação física, biologia, pedagogia, história, dentre outros, contribuiria significativamente para uma visão mais abrangente sobre o tema.

Referências

- [ALMEIDA](#), M.A.B.; [GUTIERREZ](#), G.L. O lazer no Brasil: do nacional-desenvolvimentismo à globalização. **Conexões: educação, esporte e lazer**. Campinas, n. 1, v. 3, p.36-57, 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexoes/v3n1/Lazer%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 12 out. 2007.
- [BAHIA](#), M.C.; [SAMPAIO](#), T.M.V. Lazer- meio ambiente: interfaces históricas. **Coletânea VII Seminário "O lazer em debate"**, p.195-201, UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- [BAHIA](#), M.C.; [SAMPAIO](#), T.M.V. Na trilha dos sujeitos praticantes do lazer na natureza: um debate conceitual sobre lazer e meio ambiente. **Licere**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.79-92, 2005.
- [BETRÁN](#), J.O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: [Marinho](#), A.; [BRUHNS](#), H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.
- [BRUHNS](#), H.T. Esporte e natureza: a experiência sensível. **Motriz**, v.7, n.1, p. 93-S98, 2001.
- [BRUHNS](#), H.T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: [Marinho](#), A.; [BRUHNS](#), H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 29-52.
- [CANTORANI](#), J.R.H.; [OLIVEIRA JÚNIOR](#), C.R. O avanço da civilização e as atividades físicas de aventura como meio de lazer: a tecnologia como fator de afastamento e a aproximação da natureza. **Conexões: educação, esporte e lazer**. Campinas, v. 3, n. 2, p. 109-122, 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/fef/publicacoes/conexoes/v3n2/ArtigoConstantino.pdf>. Acesso em: 17 set. 2007.

[CHAO](#), C.H.N. Relação homem/natureza e o lazer como uma possibilidade de sensibilização da questão ambiental. **Motrivivência**, ano XVI, n.22, p.207-220, 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/1200/1913>. Acesso em: 25 set. 2007.

[COSTA](#), V.L.M.; TUBINO, M.J.G. A aventura e o risco na prática de esportes vinculados à natureza. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.96-112, 1999.

[FERREIRA](#), L.F.S. **Corridas de aventura**: construindo novos significados sobre corporeidade, esportes e natureza. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2003. (Dissertação, Mestrado em Educação Física).

[GOMES](#), C. L. Verbete: Lazer-concepções. In: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

[HUMBERSTONE](#), B. Recriação e conexões na- e com a- natureza: sintetizando a praxe e os discursos ecológicos e feministas. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, lazer e esporte**. São Paulo: Manole, 2006. p.74-93.

[JESUS](#), G.M. A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: Marinho, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.75-100.

[LADISLAU](#), C.R. Lazer na natureza: um diálogo de espelhos. **Conexões: educação, esporte e lazer**. Campinas, n.3, p.27-32, 1999. Disponível em: <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/fef/viewarticle.php?id=210&layout=abstract>. Acesso em: 15 jul. 2007.

[LE BETRON](#), D. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, lazer e esporte**. São Paulo: Manole, 2006. p.94-117.

[MARCELLINO](#), N.C. **Lazer e educação**. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1990.

[MARINHO](#), A. M. Lazer, natureza, viagens e aventuras: novos referentes. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, lazer e esporte**. São Paulo: Manole, 2006.

[MARINHO](#), A. M. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidade de resistência. In: Marinho, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.1-28.

[MARINHO](#), A. M. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira Ciências do Esporte**, v.22, n.2, p.143-153, 2001.

[MIRANDA](#), R. Esporte e meio ambiente: motivação para aventura. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v.10, n.1, ano X, p.7-20, 2002.

[MONTEIRO](#), S.V. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade**: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2003. (Tese, Doutorado em Educação Física).

[PIMENTEL](#), G.G.A. Aventuras de lazer na natureza: o que buscar nelas? In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, lazer e esporte**. São Paulo: Manole, 2006. p.43-73.

[SILVA](#), A. M. A dominação da natureza: o intento do ser humano. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v.18, n.2, p.119-125, 1997.

Endereço:

Hélder Ferreira Isayama
CELAR-EEFFTO-UFMG
Av. Pres. Antonio Carlos 6627 Pampulha
Belo Horizonte MG Brasil
31270-901
Telefone-Fax: (31) 3409-2335
e-mail: helderisayama@yahoo.com.br

Recebido em: 15 de agosto de 2008.

Aceito em: 9 de janeiro de 2009.



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)